

Contra os Governos! A Favor da Autogestão!

RMA

A evolução política recente da sociedade brasileira é marcada pela decepção e pela comédia. Mas, nesse caso, não há uma sucessão entre “farsa” e “comédia”, nem “tragédia” e “farsa”. O que ocorre é simultaneamente decepção e comédia. Os iludidos se decepcionam e os demais riem. A situação da sociedade brasileira foi marcada, desde 2013, por uma crescente onda de humorismo involuntário dos governos, convivendo com uma forte decepção de grande parte da população.

Os problemas começaram com o processo de desestabilização do regime de acumulação integral subordinado no Brasil, que tem seus primeiros momentos, relativamente fracos, em 2012, que é um ano de aumento de greves no país em relação aos anos anteriores. Em 2013, as manifestações estudantis de maio e as manifestações populares de junho, mostraram a fragilidade do Governo Dilma e que sua base de apoio popular não era tão sólida quanto se imaginava. Assim, tal governo foi fustigado pela ala oposicionista do bloco dominante e pelo bloco revolucionário. O ano seguinte, 2014, foi decisivo: o governo precisaria recuperar sua popularidade, sua credibilidade, e, ao mesmo tempo, ganhar as eleições. Só conseguiu, e por muito pouco, ganhar as eleições. Para tanto, não tomou medidas impopulares para não perder voto e piorou bastante a situação do país. O ano posterior, 2015, foi marcado por inoperância do governo e agitação da ala oposicionista do bloco dominante e ação do bloco revolucionário. A política repressiva do governo no ano anterior foi uma das responsáveis pela ascensão da ala oposicionista do bloco dominante e recuo relativo do bloco revolucionário. A hegemonia burguesa e a polarização entre as duas alas do bloco dominante foram as principais causas do enfraquecimento do bloco revolucionário. Finalmente, em 2016, a polarização no interior do bloco dominante se encerra com a vitória da ala oposicionista e o impeachment de Dilma Roussef, que os comediantes governistas denominaram “golpe”. Assim, a decepção com o governo Dilma, com o *impeachment*, entre outras

menores, são sempre uma comédia e o discurso do golpe é o toque humorístico final do pastelão brasileiro.

O *impeachment* decepcionou o ex-governistas, mas logo decepcionaria até os ex-oposicionistas do bloco dominante. O governo Temer, em parte por causa de sua situação como governo interino, em parte por incompetência de sua equipe, ficou tão inoperante quando o governo anterior. As políticas neoliberais discricionárias demoraram e somente no final do ano começaram a se esboçar. Assim, o governo Temer decepcionar partidários e adversários. A oposição fez comédia com o destaque para a esposa, “bela, recatada e do lar”, desviando o assunto de questões sérias para questões humorísticas, e o governo fez do circo parlamentar o seu ponto de apoio para não fazer quase nada, desviando as políticas e decisões políticas da arena pública para a arena da burocracia parlamentar.

Outro toque humorístico foi o circo da lava-jato. Humoristas petistas criticavam, enquanto humoristas dos outros partidos apoiavam. A maioria da população, obviamente, apoiou. E aí a nova peça humorística foi ensaiada com a autonomização do aparato judiciário. O circo quase pegou fogo. Mas os bombeiros políticos e capitalistas parecem ter começado a transformar a comédia (que tendia a virar tragédia ao engolir toda a política institucional por causa da corrupção generalizada e envolvimento de todos) em nova decepção. Os humoristas petistas acusavam o aparato judiciário de ser “seletivo”, mais uma comédia, agora por dizer o óbvio e o que todos sabem (menos os petistas, ao que tudo indica...) como se fosse uma grande descoberta, e os iludidos e ingênuos acreditando na “moralização” da política brasileira.

Até mesmo Lênin afirmou que “sem teoria revolucionária não há movimento revolucionário”, apesar dele reservar o acesso à “teoria” (no caso, ideologia) apenas para os dirigentes partidários. É por isso que o Partido Comunista Brasileiro, segundo narrativa de Maurício Tragtenberg sobre sua experiência nesse partido, proibia a leitura de Marx e Lênin, pois se deve ler apenas a cartilha do partido. Hoje temos trotskistas que afirmam que nunca leram Trotsky. É por isso que os militantes dos partidos supostamente de esquerda possuem um nível de leitura tão baixo que fica até difícil

pensar como possuem o cinismo de se declararem “vanguarda” dos outros. A teoria é importante não para justificar uma hierarquia de poder nas lutas políticas e sim para fortalecer a luta coletiva e sua tendência de concretização. Quem se autodeclara “vanguarda” (leia-se: dirigente) por possuir determinada formação intelectual não possui teoria (expressão da realidade, consciência correta da realidade sob forma complexa e aprofundada) e sim ideologia (sistema de pensamento ilusório) ou uma doutrina, geralmente mal digerida.

E essa concepção equivocada e rasteira é reforçada pelo obreirismo e autonomismo e até mesmo por concepções políticas degradadas que se autodenominam equivocadamente “conselhistas” e “situacionistas”. Todas essas concepções, em franco declínio nos últimos anos, apesar de sobreviver sob a forma de “ativismo”, mostram sua incapacidade política de contribuir efetivamente com a luta proletária.

O primeiro artigo justifica a Revista *Marxismo e Autogestão* e abre o caminho para os demais, que tematizam a solidão, a autogestão, a planificação, o pseudomarxismo, o marxismo, a dialética, análise crítica da realidade contemporânea e da luta de classes, entre outros elementos que buscam contribuir com o resgate da produção intelectual do passado e sua atualização no presente para servir, como coloca Patrick Berger, como mais um *embrião* da *sociedade do futuro*, da autogestão social.